

A HISTÓRIA DA EQUENA ATRÍCIA ESSOA

Chiwan Medeiros Leite

[Bacharel em Comunicação Social]

Em minha última coluna *A Feira do Anacoluto*, eu contei que não ude ir à 1ª Festa Literária de orto de Galinhas (FLIORTO), em 2005, ois eu estava internado com suseita de letosirose. A feira mudou de lugar. Nos dias 14 a 17 de novembro ela foi realizada em Olinda. Eu fui. Nos arredores encontrei um amigo de infância-adolescência: línio essa. Fazia anos que não o via. Ele estava sentado na sorveteria Olinda com uma linda menina, era sua filha. Abrimos os braços quando nos vimos. Sentei e edi logo um sorvetão desses de amansar sorvetômano. Logo, línio me arentou sua equena atrícia essa. erdemos a noção da hora contando nossas histórias. Quando ele me falou que havia se formado em medicina e se tornado neurologista, fiquei logo interessado em sua área de atuação: neurolinguística e distúrbios da fala. Logo lhe disse que eu era um entusiasta da língua ortuguesa, que eu havia lançado um livro e que escrevia na Coluna Oinião. Gentil, ele erguntou o nome do livro *O Membro Inferior Central e as eriécias da Língua*. Logo ele brincou dizendo que eu continuava com a caneta como meu membro inferior central e erguntou elo outro. Ri com a iada. Bem deois, quando duas essoas que não se veem há muito temo, sentem que o encontro está chegando ao fim, tentam um ao de desedida. Aí, saiu de minha boca ainda gelada de itanga a ergunta: or que você resolveu se dedicar à neurolinguística? línio ediu mais um sorvete e erguntou à equena atrícia essa se também queria que, ronto, balançou a cabeça efusivamente. Ele começou dizendo: *or amor a atrícia*. E continuou... *existem duas áreas nos lobos frontal e temoral – a área de Broca e a área de Wernicke – elas são searadas mas mantêm uma ligação íntima or meio de fibras nervosas cheias de mistério*. Resolvi arriscar: e você estuda esse mistério? *Exatamente, seu caneta assanhada. atrícia ossui uma estranha e misteriosa variação combinada das afasias de Broca e Wernicke. É uma síndrome desconhecida, ainda não registrada cientificamente, em que ela não reconhece a letra ê, a mesma que usamos em ica-au, eteca e ernambuco. Quando assei a me dedicar a essa esquisa, descobri muitas coisas e recebi uma dádiva: a de oder ajudar muita gente. Devo isso à minha equena atrícia essa. Ela é alfabetizada, tem uma cognição normal, fala normalmente, mas a letra ê não faz parte de seu universo linguístico. É natural que ela fique um ouco retraída, mas nos esaços habituais ela é a rincesa das travessuras*. Enquanto línio e a equena atrícia essa sorviam seus sorvetões (quase edi mais um) eu fiquei quieto e ensativo. Ao sairmos, trocamos mutuamente nossos telefones e abraços. Dei um equenino beijo na testa da equena atrícia essa e saí lentamente elas ladeiras de Olinda, um tanto erlexo.

Confesso que fiquei muito impactado com nossa conversa. A abnegação de Plínio ao buscar na medicina algo que pudesse se aplicar à sua amada pequena Patrícia Pessoa e, de quebra, dedicar seu amor à ciência foi-me desconcertante. Conferi a Plínio naquele momento, em minha imaginação, o primeiro Prêmio Nobel de um brasileiro: o de Medicina, por seus estudos de neurolinguística e a conexão entre as zonas cerebrais de Broca e Wernicke. Em minha lenta caminhada pelas colinas de Olinda, lembrei de minha mãe e minhas tias quando eu era criança. Elas gostavam de me confundir falando na Língua do Pê. E elas conheciam as diversas variáveis da pêlinpêguá que só descobri anos depois. Quando se referiam a mim, num esforço de memória, eu identifiquei algumas das diversas variáveis que elas usavam do meu nome: *pêchipêwan; chipêwanpê; chipiwanpan; pichipanwan...* Talvez, por essas peripécias da língua que hoje me fascinam, eu menino não entendia mas me divertia com minha ignorância diante de minha mãe e as tias. Até porque eu ainda não sabia o que era ignorância. Chegando à Fliporto, acreditem, é pura verdade, na primeira barraquinha, um livro imediatamente me olhou. Parei, peguei-o na mão: *A via crucis do corpo*, de Clarice Lispector (1974). Sem saber o que me movia com aquele livro na mão, olhei ao lado e vi a pequena Patrícia Pessoa passando ao longe com Plínio, seu pai e meu amigo. Voltei ao livro e lá estavam meus dedos na página 67 com o conto *A língua do “P”*. Com o livro de Clarice usando a âncora de meu braço direito sobre meu lado esquerdo do peito, mal havia entrado saí da feira. Enquanto caminhava por Olinda, fui voltando ao meu passado. Era como se eu fosse ao encontro de Plínio, de minha mãe, minhas tias, todos falando a Língua do P. Meu idioma parecia querer mudar. Meu cérebro lutava comigo entre falar com P de mais ou sem o P, em homenagem à equena atrícia essa. Sem saber para onde eu era conduzido cheguei ao Alto da Sé. De lá, adulto, olhei o mar de Pernambuco com os olhos de menino, encantado. Um pêrêpôvô invadiu meus ouvidos de menino. Uma lágrima desceu de meu olho esquerdo direto à Clarice. Bonecos gigantes começaram a me abraçar. E na fervura do frevo, quando cheguei na Rua do Amparo eu estava confuso de minha idade. Quando a cabeça está confusa talvez a gente precise de um neurolinguista para dirimir nossas controvérsias ou para exaltá-las com o amor das confusões. Sentei na calçada e ouvi a voz de minha mãe: *Pêmeu pifipôlhô, pêeu pêtê pêapômô*.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.